

# Por entre corpos e memórias que habitam a docência

*Daisy Moreira Cunha*<sup>1</sup>  
*Charles Moreira Cunha*<sup>2</sup>

## Resumo

O presente texto trata de lembranças de atuais professores(as) sobre suas vidas nas escolas onde foram crianças, adolescentes e jovens alunos e alunas, posto que essas lembranças, hoje guardadas em suas memórias, apresentam-se e perpassam suas formas de ser e de exercer a docência. Como sujeitos da nossa pesquisa, escolhemos quinze professores do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas de cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). As entrevistas ocorreram nos anos de 2007, 2008 e 2009 e permitiram que esses profissionais buscassem suas lembranças de seus tempos pretéritos na escola. Orientados pelos princípios teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa e da História Oral, em particular, o estudo procura compreender o que tais lembranças representam e a sua importância nas experiências desses professores no presente, entendendo que o presente as convoca, ressignifica e atualiza. As narrativas dos professores investigados se remetem às décadas de 50 a 90, permitindo observar nas relações entre os docentes e discentes de então, mudanças nas práticas pedagógicas e condutas docentes em sala de aula, se comparadas ao presente. Encontramos também mudanças por parte dos estudantes, sobretudo nas relações e convivência com os professores do passado, trazidos à lembrança, seja quanto aos valores e princípios que as referenciam, seja em termos de maior proximidade, ou de maior exercício crítico.

**Palavras-Chave:** atividade de ensino; memória; experiência.

---

1 Pós-Doutora pelo Conservatoire National des Arts et Métiers, CNAM, Paris (França). Professora da UFMG.

daisycunha@uol.com.br

2 Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Professor da UFMG.

charlescunha@hotmail.com

## Among bodies and memories which inhabit teaching

### Abstract

This paper discusses current teachers' recollections on their school lives since childhood until being young age students once that today their memories have influences in their form of being and practicing the teaching activity. As subjects of our research, 15 primary, secondary and high school teachers were chosen from public schools in Belo Horizonte City's metropolitan region. The interviews occurred in the 2007/2009 years, and through them professionals could recollect memories from their past times at school. Oriented by the theoretical and methodological principles of the qualitative research, especially the oral history, this study sought to comprehend what such recollections represent and their importance to the current teachers' experiences and, in some way, understanding that the present time recall, re-mean and actualize them. The investigated teachers' narratives are referred to the decades of 1950 and 1990, and that permitted us to observe changes between teachers and students' relations, as in the pedagogical practices and classroom teacher's behaviors if compared to the present time. Above all, we have also found changes in students' role, and their relations with past teachers that were recollected, such as values and principles referred to them, or as in terms of proximity or a major critical exercise.

**Keywords:** teaching activity; memory; work experience.

### Introdução

*Que tudo que você passou na vida, para esse lugar do professor, é importante ter percorrido esse caminho, como eu percorri. Eu acho que ele me sustenta. Ele me sustenta bastante. É claro que a memória é importante para você ter um sentimento de empatia, você tem que ter vivido aquilo. Você colocar no lugar no outro, é bastante complicado. A não ser se você tem uma sensibilidade muito aguçada. E tendo vivido aquilo é muito mais fácil. (Professora Maria Helisa)*

Na condição docente e na escola em geral, a problemática da memória está presente, embora tenham sido pouco investigadas suas influências no trabalho presente e futuro dos professores. Não obstante, ousamos afirmar que as lembranças do que foi vivido são constitutivas das identidades docentes que se constroem no dia a dia do trabalho de professores.

Partimos do fato de que a docência, diferentemente de outras profissões, tem, em seu grupo de trabalhadores e trabalhadoras, sujeitos que, por inúmeros dias, meses e anos, estiveram no lugar das crianças e jovens que agora são seus alunos. Esse fato sustenta o pressuposto que, no caso dos profissionais professores, a memória de escola é um componente fundamental em seus processos de socialização profissional e construção identitária, constituindo modos de ser, de ver, de viver, de sentir, de pensar e de exercer a docência.

Nessa perspectiva, construímos uma investigação sob os preceitos da história oral e de vida, associada à entrevista narrativa, o que nos exigiu, nas palavras de Benjamin (1995, p. 239) “cavar as memórias de maneira cautelosa e tateante”. Pudemos, assim, encontrar no vivido o atravessamento de raízes profundas e não lineares, o que nos permitiu ler um inventário complexo de experiências ainda presentes, férteis e marcadas de afetividades, tensões e ordenamentos sociais.

Nosso aporte teórico se sustenta no diálogo com diversos autores, entre os quais, Maurice Halbwachs (1994; 2004), Walter Benjamin (1994; 1995), Michael Pollak (1989), Carlos Rodrigues Brandão (1998), Ecléia Bosi (1994; 2003), Miguel Arroyo (2000) e Marlene de Araújo (2004). Nesse confronto, pudemos compreender como memórias individuais e coletivas são coconstruídas e permanecem imbricadas; de uma maneira ou de outra, reverberam em forma de saberes nos atos da docência.

Considerar que a docência é permeada de experiências socioculturais nos permitiu saber, nas muitas tramas das genealogias de cada narrador, por onde andaram e com quem dialogaram. Portanto, os sujeitos entrevistados estão na condição de quem se lembra e narra longos anos, bem como breves e marcantes instantes, todos prenhes do vivido, cheios de histórias e possibilidades, como nos dizem Carlos Rodrigues Brandão (1998) e Walter Benjamin (1994).

Como sujeitos da pesquisa, entrevistamos quinze professores do Ensino Fundamental e Médio de escolas públicas de cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). O período de investigação ocorreu entre os anos de 2007 e 2009 e as narrativas das vidas escolares dos sujeitos registram lembranças da década de 1950 até a de 1990. Todas essas lembranças são um rico patrimônio humano em forma de vida contada, que nos permite inferir que, em parte, a docência se constitui de experiências guardadas na memória, que perpassam as condições concretas do trabalho presente dos professores. Neste trabalho, dialogaremos com nove professores.

## **1 Certa genealogia docente: memórias de docentes e identidades sociocorporais**

Um sujeito sociocultural, de acordo com Araújo (2004), se constitui por meio de vinculações com outros homens, tendo como mediador o seu corpo – dizemos, o corpo inteiro –, que está sempre suscetível às circunstâncias e contextos sócio-históricos-espaciais de larga e de curta escala.

O corpo, que é o sujeito (assim como o inverso), revelou-nos, por meio das memórias narradas, como ele se fez, entremeadado de interações sociais face a face ou corpo a corpo. Se o corpo é sensibilidade e expressão criadora, inferimos que ele é também atravessado de lembranças; delas se nutre e por meio delas se relaciona com o entorno. Os corpos humanos se fazem também pelas relações entre a memória coletiva e a individual e, por conseguinte, integram quadros sociais de ideias e valores, perenes e transformados sobre espaços e tempos construídos socialmente.

Interessa-nos evidenciar os diferentes pontos de contato e as peculiaridades apresentados pelos corpos dos docentes, pelas suas gestualidades, pelas características de cada um e pelos sentimentos relacionados a cada mestre lembrado. Nessa direção, dialogamos com Joelle Rouchou (2009), quando ela afirma que

A memória não está nos suportes materiais convencionais: ela está no corpo. Está na própria forma de o sujeito trabalhar as questões do seu dia a dia [...] A memória tem um suporte corporal muito forte: a postura, o balanço, a gíngua ou a rigidez. Põe pra dentro

da história o sujeito de corpo inteiro, não só na voz, mas em sua presença. (p. 117).

As narrativas nos permitiram encontrar experiências cheias de imagens, sentimentos e corpos que se constituíram no passado, mas que ainda se apresentam entrelaçados no presente dos professores entrevistados.

## 2 Corpos e lembranças na docência

Em algumas narrativas, as lembranças são de corpos subjugados à “reguada” corretiva, aplicada com a intenção de que cada um soubesse as consequências de possíveis falhas em relação às regras escolares. A esse respeito são ilustrativas algumas partes das entrevistas de um primeiro grupo geracional, formado por Tobias, um professor de 60 anos, e as professoras Maria Helisa e Rosa, com 50 e 54 anos, respectivamente:

*A primeira escola minha foi uma escola [...] a gente pegava o uniformezinho azul e foi da época do Juscelino Kubitschek, eram das poucas escolas assim. E era um local pequeno, sala de aula pequena e, geralmente, era assim, nas periferias, nas vilas mais afastadas... então era aquela meninada, né? E a professora era uma Deusa, né? Uma mãe para a gente. O que ela falasse era lei. Então, eu lembro da professora Nilse, era uma professora negra, muito exigente, sabe? Ela dava reguada na gente e quando ela falava todo mundo parava, sabe? E tudo era na base da fala, aquela [...] tinha que obedecer cegamente. (Professor Tobias).*

*O material que era usado era só giz; giz e régua. Batia na gente! Varada. Tinha o caderno que chamava caderno de ponto, né? Ela passava toda a matéria de geografia e de história no quadro. A gente copiava tudo, o caderno tinha que ser muito caprichado, né? Chamava-se caderno de ponto. (Silêncio) (Professora Maria Helisa).*

Tobias foi matriculado no ano de 1955 na 1ª série e concluiu a 4ª série em 1958. Maria Helisa foi matriculada numa escola que funcionava em local alternativo (um centro espírita) e seu tempo escolar de 1ª à 4ª série transcorreu no período de 1964 a 1968. As duas experiências ocorreram na cidade de Belo Horizonte.

A professora lembrada tem corpo, tem cor de pele: é negra. É Deusa e Mãe, castiga e exige obediência de seus alunos, meninos e meninas. Suas

palavras paralisavam todos em sala, pelo menos por alguns momentos, pois a prática da “reguada” era utilizada para corrigir as transgressões, que poderiam ou não ser pegadas pela professora representada em Deusa e Mãe.

O castigo aplicado aos alunos é assumido pelo narrador como algo que não causava revolta ou sofrimento por muito tempo. Fica evidente certo consentimento dos alunos, das famílias e também da escola com essas punições. Mas o corpo castigado não se esquece do sofrido; mesmo que o ato não promova lesão visível o castigo fica na memória do corpo, a lembrança fica na carne e na alma, como denuncia Nietzsche, em *Genealogia da moral*:

Como fazer no bicho homem uma memória? [...] Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória. [...] pode-se mesmo dizer que em toda parte onde, na vida de um homem e de um povo, existe ainda solenidade, gravidade, segredo, cores sombrias, persiste algo do terror com que outrora se prometia, se empenhava a palavra, se jurava: é o passado, o mais distante, duro, profundo passado, que nos alcança e que refluí dentro de nós, quando nos tornamos “sérios”. Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentir a necessidade de criar em si uma memória [...]. (NIETZSCHE, 1998, p. 50-51).

Nossa pesquisa nos conduziu a diálogos com o trabalho de Santos (2003), que nos ajuda a enxergar que o passado só se torna compreensível a partir de sua realização em práticas e construções sociais do presente. E essa autora nos diz:

Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; ela é também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências, a partir de resíduos deixados anteriormente. A memória, portanto, excede o escopo da mente humana, do corpo, do aparelho sensitivo e motor e do tempo físico, pois ela também é o resultado de si mesma; ela é objetivada em representações, rituais, textos e comemorações. (p. 25-26).

E que outras imagens são atribuídas às antigas professoras nas narrativas? Vejamos:

*A Dona Nilse era um carrasco porque ela era muito rigorosa com a gente, e ela não aceitava a argumentação, entendeu? Você está errado,*

*está calado e pronto, encerrou o assunto, você não podia... Então, a gente não gostava dessa situação [...] porque algumas vezes, apesar de não ser todas... algumas vezes a gente estava com a razão [...] a gente tinha motivo pra ter falhado ou não ter feito as coisas. E ela deixou de saber, ela deixou de saber [...] E como minha mãe era muito brava, qualquer recado que chegasse lá em casa [...] (Professor Tobias).*

A régua, por sua vez, não era apenas um objeto com a escala numérica, como nos contam os demais entrevistados noutras situações: as relações entre docentes e discentes orientavam-se por uma régua social – ou, pode-se dizer, por uma hierarquia na qual quem tem poder dita o real. No caso em questão, a professora “Dona Nilse” dominava os acontecimentos e certamente intentava uma formação de sujeitos obedientes aos seus rigores. A professora na figura de um carrasco, ou seja, um indivíduo cruel, desumano, que, conforme caracterizado pelo jovem estudante, não escutava ninguém; era rigorosa, exigia obediência e praticava punições.

Mas nem só de castigos e rigores, autoritarismos e desmandos constituíram-se as trajetórias estudantis desses nossos narradores. Eles também relatam momentos em que a turma criava situações de escárnio aos corpos de seus professores. Ou esse já seria um corpo escarnificado? Um exemplo é o que se segue:

*[...] E tinha um professor de Química que só lembrava assim algumas coisas... ele gostava muito de falar assim: “Priimeeeiira lei de [?]”. E quando ele falava isso, ele dava um pulinho na carteira, você entendeu? Então, só de sacanagem, todo mundo: “Ô professor, qual Lei que é esse fenômeno aqui?” [...]. “Priimeeeiira lei de ...” e dava um pulinho. (Risos) (Professor Tobias).*

Como aconteceu em outros momentos, a narrativa do professor vem acompanhada do riso, da mesma forma que a chacota ao professor de Química escarneceu o corpo e a aula no passado. Rir é também uma tentativa de desequilibrar a norma e a cultura escolar imposta aos estudantes. A brincadeira, ou, como diz o narrador, a “sacanagem” e o consequente riso coletivo diante do corpo do mestre que dava um “pulinho” para explicar o conceito científico funcionavam como ritual, durante o qual o grupo de estudantes, ainda que momentaneamente, tinha o poder de diminuir a rigidez e a acidez das aulas de Química por meio de ações instituintes. Nesse relato, o entrevistado preferiu enfatizar

o “pulinho” que se repetia em sala, assim como as risadas em função dele.

A terceira entrevistada desse grupo geracional é a professora Rosa, que relata:

*E a oitava série eu tinha um professor de Literatura que era a cara do Jesse Valadão. Pelo amor de Deus! (risos). O homem é louco. A prova dele era uma questão só, uma análise só. Para você fazer ordenada, subordinada, não sei o que... o homem louco. E literatura, Graciliano Ramos, Vidas Secas, como que o homem falava [...] E as minhas colegas falavam: “ele é o Jesse Valadão, ele está recitando o Guimarães Rosa, o Graciliano Ramos”... Pelo amor de Deus! Ele me impressionou. Era esquisito a maneira... ele, para mim, ele era advogado, ele ia de terno e gravata. Ninguém dava um pio na aula dele. [...] A oitava série, nossa, eu fiquei louca para acabar a oitava série. Eu queria sair para sair do Vargas. Eu estudava português para não ter que tomar bomba porque eu não aguentava ter aula com o Vargas mais uma vez. Era muito bravo. Mas a matemática eu fiz muito bem, geografia... o primeiro contato com as ciências sociais eu gamei com a geografia, com a história. (Professora Rosa).*

Curiosamente, apesar de no final do fragmento aparecerem outras indicações de disciplinas e os gostos e desempenhos alcançados pela aluna, sobressai da narrativa a figura do professor de Língua Portuguesa: louco, bravo, rigoroso, esquisito, falante, fisicamente semelhante a um artista popular. O corpo dos mestres vão sendo novamente lembrados de várias maneiras, inclusive pelas vestimentas: nesse caso, o professor era o homem que vestia de terno e gravata; parecia advogado.

O homem falava, recitava escritores e “ninguém dava um pio”, pois uma hierarquia estava posta e devia ser respeitada. A vestimenta cobrindo o corpo e a gestualidade que impunha rigor e disciplina, além da prova difícil, do medo e da braveza, alimentavam a condição e o lugar que cabia às alunas: caladas, inspiradas, impressionadas, pressionadas e, porque não dizer, entusiasmadas pelo galã da escola.

Gerenciar o tempo e planejar livrar-se de um professor significa o esgotamento de uma relação entre corporeidades? Que afetos e desafetos, que sensações e emoções estiveram presentes nessa inter-relação dentro de sala de aula? Parece-nos que a narrativa mostra o que aconteceu: as relações dos sujeitos socioculturais, tramadas pelos seus corpos, visíveis e sensíveis corporeidades, que tocaram e foram tocados, sofreram investimentos de um e de outro e construíram estratégias de



aproximações e afastamentos, de obediência e transgressão.

Mais uma vez, Araújo (2004) nos auxilia, lembrando que, nas relações face a face, “[...] o corpo é o principal elemento de visibilidade, de comunicabilidade e sociabilidade” (p. 18). Assim, a narrativa da professora Rosa nos mostra até onde podemos chegar e de onde podemos partir ao considerarmos as lembranças e suas substâncias sociais.

No segundo grupo de entrevistados, analisamos as lembranças de cinco professores na faixa etária de 30 a 40 anos, que estudaram entre os anos de 1969 a 1985, período no qual o Brasil ainda estava sob o regime de ditadura militar e toda a política educacional era orientada pela LDB nº 5.692/71. Emoldurando o cenário, em 1971 é decretado o Ato Institucional Nº 5, que cria o Departamento de Imprensa (DIP), o Serviço Nacional de Inteligência (SNI), além de outros instrumentos políticos de censura e repressão à liberdade de expressão e de ação política no país. Começamos com o professor Reinold, que nos diz o seguinte:

*Lembro da professora de Ciências me tomando a revistinha, não entregou a revistinha. Lembro a dona Clara, professora de... uma matéria tipo práticas familiares, ensinava... – Não, não vi não. Uma coisa assim, de casa, tipo colocar panela no fogo, não deixar o cabo para fora. Isso eu aprendi até hoje. Para as crianças não, aplica injeção, a dona Clara era a que conseguia manter a ordem, muito rigorosa, voz grossa, ela chegava e todo mundo morria de medo dela. E eu lembro que ela conseguia bem manter a ordem com essa estratégia [...] (Professor Reinold).*

A vida estudantil está e esteve entrelaçada com os encontros cotidianos entre alunos e professores(as), como que numa trama que não se desfaz facilmente, assemelhando-se a nós cegos feitos a partir de professoras de voz rigorosa, de alunos obedientes e amedrontados e, ao mesmo tempo, das transgressões às aulas.

A sala de aula não apaga, antes, entrelaça as relações sociais externas à escola. Sendo assim, nas lembranças dos narradores, estão situações nas quais as desigualdades sociais estão presentes no tratamento recebido pelos estudantes:

*Que tem assim alguns, algumas pessoas que são enviados de Deus, né? Porque tem professor que te recebe, né? E outros são enviados do Capeta” (risos). Falei pra eles e citei o exemplo dessa Paula (risos). Toda hora os meninos ficavam brincando com esse negócio dessa Paula, porque essa*

*Paula, ela marcô... Essa professora que ficava zombando, né? No meu primeiro dia de aula, oh, ela me marcou, marcou minha vida inteirinha, inteirinha, cara. Inteirinha... eu pensava nisso. E eu, lá em casa os negócios era tudo regrado, né? [...]. Se você olhasse pra ela era igual esses cachorros que quando tão querendo comer, comer osso, você vai chegar (rosnou imitando um cachorro), entendeu? Oh, você chegava na sala até o ar era diferente. [...] Eu lembro que quando eu... na minha sala tinha muitos meninos que já tinham feito o tal de Jardim da Infância, na minha sala. Então a maioria deles sabia já escrever nome, já escrever o nome da escola, assim, rabiscar mais ou menos. Aí eu lembro que a professora pediu pra escrever o nome, isso no primeiro dia de aula, pediu pra escrever o nome e escrever o nome da escola [...] Aí, eu não conseguia escrever e ficava fazendo aquele rabiscão e copiando o Paulinho, sabe? Enquanto os meninos todos já escreviam o nome, tal e tudo. Aí, na hora que a professora veio, e eu chorava e chorava e chorava e em vez dessa professora querer conhecer, saber o que tava acontecendo, ficava... zombando, entendeu? (Professor Laerte).*

A condição de pobreza relacionada ao local de moradia e o fato de não saber escrever o próprio nome e o da escola são narrados como as primeiras experiências que o professor teve na sua vida escolar. O menino aluno, a criança, chorava, chorava, chorava e a professora ainda zombava dele. Como não se aprende a ler e a escrever do dia para a noite, certamente essa condição de não escritor e leitor, bem como a situação de tensão, desafeto e vexame, produzida, sobretudo, pela relação que a professora alimentava em sala com relação aos não leitores e escritores, perdurou na vida do estudante Laerte. O primeiro dia já inaugura para a criança o que seriam seus dias seguintes: longos dias, até que ele aprendesse a ler e a escrever como os demais meninos da cidade, moradores ou não do Cerrado. Ler e escrever poderia diminuir alguns constrangimentos, porém não retirava deles a pecha de serem do Cerrado.

A hostilidade dentro da escola diminui com o passar do tempo, uma vez que o menino Laerte deixa de chorar, de viver situações vexatórias por não saber e altera sua relação com professores, colegas e com a escola. Laerte prossegue:

*Na primeira série eu era um dos piores da sala, ruim mesmo. Aí, na segunda série, eu já fui melhorando... melhorando, na segunda série. Eu lembro que era Maria Geralda Silva, Maria Geralda Silva o nome da professora da segunda série. Aí, eu lembro d'uma vez... depois na terceira série também, que foi ela, eu lembro que tinha um negócio de tomar os*

*fatos, sabe? Aí, a gente, ela... a gente entrava numa fila e a... não sei se é a bibliotecária, tinha alguém lá que tomava os fatos. Aí, ficava é "2x1, 2x2, 2x3, 2x4" na maior rapidez. Eu lembro que o de 8 eu sempre, eu sempre tinha um problema, com os fatos de 8...x 7... "8x1, 8x2, 8x3, 8x4, 8x5, 8x6", aí a hora que chega no 8x7... eu: "8x7... 56!". Antes d'eu falar 56 ela já me mandou voltar. Aí, ela já mandava a gente pr'um gabinete, um tal de gabinete, era como se fosse a cadeia da escola, quem errô vai pro gabinete, né? Aí, eu pedi pra não ir pra esse gabinete; aí, eu fiquei de castigo na sala de aula. Olha pro cê vê, esse gabinete ia só os estudantes bagunceiros da escola... ia pra esse tal de gabinete e a diretora era uma tal Maria de Fátima Souza, essa mulher era o cão, cara, essa mulher era o cão. Falava em gabinete a gente até suava frio, sabe? (Professor Laerte).*

Essas são lembranças corporais que evidenciam parte do que se vivia em relação aos professores, que tinham o poder de praticar ou mesmo de encaminhar qualquer um para o castigo no "gabinete", lugar temido por todos, que fazia o corpo tremer de medo. Temos um sujeito que é olhado por um outro que, nos termos de Foucault (2008), vigia, pune, esquadrinha e dociliza os corpos. Corpos marcados, discriminados, punidos, não somente pela sua condição biofísica, mas também pela sua condição de classe, pelo seu pertencimento étnico-racial, embora esse quadro vá sendo alterado ao longo do tempo. E as próprias crianças percebem essas formas de seleção, de discriminação, de classificação, tal como analisado pelos defensores da teoria da reprodução, dentre os quais se destacam Bourdieu e Passeron (2014).

Passando às lembranças da professora Penha, vê-se em quais condições a ex-aluna, hoje professora, vivenciou a sala de aula. Ela conta, no relato escrito que nos entregou, o dia a dia da menina que ensaiava passos ao saber sobre o corpo e o esforço para se fazer professora:

*Aos 7 anos, fui matriculada na escola regular naquela época, já que não havia "pré-escolar" na roça. A professora era da cidade e ia a pé os 6 km. Como já estava em final de carreira, passava o dia sentada devido às pernas inchadas cheia de varizes. Eu passava a matéria no quadro e depois sentava e copiava no caderno. No final do ano ela me deu um vestido de renda cor de rosa e um sabonete da marca "CARNAVAL". Eu guardei um bom tempo e lembro-me da cor verde, da embalagem e até do cheiro. Eu adorava a professora D. Gláucia Chagas. (Professora Penha).*

Podemos dizer que essas narrativas evidenciam traços de memória feminina? Um menino saberia e/ou faria alguma relação entre as varizes

da professora e o fato de ela permanecer sentada durante a aula inteira e delegar à sua aluna a tarefa de escrever as lições no quadro? Por que dizer dessas e não de outras lembranças? Por que se lembrar assim dessa condição que viveu sua professora? Uma condição objetiva do exercício da docência fica evidente: andar 6 km a pé diariamente até a cidade onde se localizava a escola. Mas um problema de saúde como o das varizes não acomete muitos docentes. Essas nos parecem lembranças que explicitam a solidariedade da menina que escrevia no quadro para sua professora descansar; que relembra os presentes trocados, as cores e perfumes que dão tons e beleza às evocações referentes às relações sociais no espaço da sala de aula. Lembranças de um processo formativo que evidencia um longo caminho no qual a docência esteve presente na vida cotidiana da aluna hoje professora. Contar e mostrar tais experiências é registrar a delicadeza de acontecimentos e experiências afetuosas.

No terceiro grupo de entrevistados, elegemos as lembranças de Helena, por considerá-las representativas:

*Na sétima série, tinha uma professora chamada Sandra, de Desenho Geométrico, tinha esta disciplina e Educação Artística, ela dava aula para estas duas disciplinas e ela era uma professora enorme de gorda, muito gorda mesmo, e com o cabelo assim nas costas, assim lá embaixo, cabelo assim grande e anelado, muito cheio, sabe?! Ela tinha um olho e, assim, a figura dela já era assim marcante, gorda com este cabelo e tudo. E ela era brava, mas brava de tanto, que você não podia falar nem um “a” dentro da sala, que ela já xingava, ela não deixava, não permitia, e a matéria dela desenho geométrico, tinha que ter um caderno, que tinha que ficar medindo margem e ela media com a régua, faz margem em tantas folhas, aí levava lá, ela pegava a régua e media; se tivesse errado, tinha que voltar e fazer tudo de novo, tinha que ser daquele jeito, certinho e eu não era boa neste negócio, não. [...] Aí, fui para o segundo grau com quatorze anos, aí eu tinha estas aulas assim de Filosofia, Psicologia, que eu amo de paixão estas aulas, adoro. E a professora de Filosofia era esta Sandra, a gorda do betume, quando eu tô lá na sala que eu vejo aquela mulher, falei assim: “se aquela bruxa entrar na sala eu...”. Nossa senhora!!!! Acabou comigo!! Deixa eu te falar uma coisa, quando ela entrou e começou a falar com a gente, era só a mesma capa, por dentro era outra mulher, outra cara, como ela tratava o segundo grau, era outra coisa, super simpática, olhava prá gente. Porque na sétima série e oitava, era aquela professora que se sentava à mesa e nem olhava para o aluno, só mandava a gente fazer as coisas, tanto na hora de olhar os cadernos, a margem, ela nem queria olhar para tua cara, não, ela*

*olhava a margem e já mandava você corrigir, queria nem saber quem é, sabe como!? E no segundo grau não, mas aí... Até um dia que eu perguntei pra ela, aí ela disse que aluno de quinta à oitava tinha que ser tratado assim, porque senão eles não deixam dar aula, não.* (Professora Helena).

A professora Sandra é lembrada em etapas distintas em que foi professora da jovem Helena. Na sétima série, quando a narrativa caracteriza a então professora de Educação Artística e Desenho Geométrico: “[...] Ela tinha um olhão e, assim, a figura dela já era assim marcante, gorda com este cabelão e tudo. E ela era brava, mas brava de tanto, que você não podia falar nem um ‘a’ dentro da sala, que ela já xingava [...]”. Já no primeiro ano do Ensino Médio, Sandra, como professora de Filosofia, é descrita por Helena como outra pessoa: “[...] era só a mesma capa, por dentro era outra mulher, outra cara, como ela tratava o segundo grau, era outra coisa, super simpática, olhava prá gente [...]”. A aluna, então, descobre um traço ou estratégia da docência: mudar o jeito de dar aula para conseguir controlar a turma; essa era a justificativa da professora para as atitudes distintas perante os diferentes alunos que tinha.

A aluna Helena descobriu que a professora Sandra adotava uma prática composta de dupla conduta em sala de aula: na sétima série era rígida, brava, sequer olhava para os alunos, era exigente com as medidas e os traços da geometria na disciplina de Desenho Geométrico. Com o traço reto, certo, frio, pôde, durante suas aulas, manter uma distância; separar, talvez por outros traços e linhas, construir uma geometria que mediu, riscou e definiu sua relação com seus alunos.

Em sua narrativa, Helena conta sobre o dia em que deixou cair no chão o vidro de betume na aula de Educação Artística da professora Sandra. Num dado momento, ela evoca a fala da própria professora que lhe diz esperar não ter nenhum problema com a escola a esse respeito, pois o betume poderia sujar o piso da sala. Vejamos o fragmento que evidencia a tensão do fato narrado:

*Eu fiz o favor de deixar o betume cair no chão, o chão ficou todo preto, aí todo mundo: “nohh, tá frita, a coitada!”. Ainda com a Sandra, brava desse jeito. Eu lembro que a professora só falou assim: “não pisa!”. Ela nem olhou, ela só levantou a cabeça, ela tava sentada na mesa dela, escrevendo alguma coisa, escrevendo ela continuou e só falou assim: “só quero avisar pra esta aluna que deixou cair o betume no chão, (nem sabia que aluna que era, não) que eu não quero nenhuma reclamação da*

*escola, nem das faxineiras e nem nada; tem que entregar isso limpinho".* *Aí, eu falei: "e pra tirar isso do chão, como é que eu vou fazer?". Achei horrível, sabe, na hora veio aquele trem assim em mim, sabe?! Vermelha, com vergonha, sem saber o que fazer. Nohh, uma menina de treze anos, né?! (Professora Helena).*

A aluna que derruba o betume é colocada diante da professora, das faxineiras e da diretora da escola. Seu erro: deixar cair no chão o vidro da mistura líquida de cor escura – o betume –, que se espalha pelo piso porque o frasco se quebrou com a queda.

A professora ordena à aluna que limpe o chão, causando vergonha e ruborizando a face da menina tímida, que sai de sala, retorna e resolve a limpeza. Quanto à limpeza do chão, a narradora diz não se lembrar de detalhes, afirmando apenas que cumpriu as ordens de sua professora, envergonhada e nervosa (talvez essa seja a causa do esquecimento de parte do vivido).

Vejamos, na sequência, o quarto e último grupo geracional, constituído por duas professoras: Gisa e Lídia. Começamos com a professora Gisa, que, em sua entrevista, diz algo significativo, apresentado no fragmento a seguir: “[...] a professora de Geografia que os meninos estigmatizavam, chamavam ela de Roberto Carlos, cantor. A gente cantava com ela, pelo estilo de cabelo dela pelo estilo de andar é [...]”.

O estilo do cantor, seus gestos, o jeito de andar, seus cabelos, enfim, assemelham-se aos da professora de Geografia. Haveria ou não algum escárnio no uso da alcunha? Não conseguimos perceber nada mais que alguns poucos e rápidos risos da professora quando narra tal situação, que também não explicita se a professora de Geografia, diante da classe, se indispunha ou achava essa designação um elogio. O certo é que o corpo, os trejeitos da professora eram alvo de olhares e, inclusive, produziam cantorias em homenagem ao cantor e à professora, por parte dos estudantes.

Aqui está uma lembrança com corpos, gestos e música vivida dentro de sala de aula na relação entre aluno/a e professor/a. A afetividade está presente nesse fragmento e é o que fez com que ele fosse contado e cantado para a pesquisa, pois a vida de aluno compõe-se também de experiências em que afetos se fazem presentes e compõem seu processo

de subjetivação. Ao lembrar-se de professores, associá-los a artistas e dizer de fatos que dão singularidade à relação docente e discente, os entrevistados nos ajudam a enxergar em que condições e por meio de quais sentimentos e sensações foram, aos poucos, sendo construídas as relações na sala de aula, que é, em muitos casos, um lugar privilegiado para se entender como são tecidas as relações educativas escolares.

Uma aproximação entre os docentes e discentes evidenciou-se quando o corpo do professor é comparado ao do cantor, quando ele é tocado pelos olhares dos estudantes, que, naquilo que enxergam e escutam, por meio do que a sociedade lhes oferece, transportam suas vivências de fora da escola para a sala de aula e dão certa vida ao corpo da professora, que recebe e alimenta tal analogia ou alegoria. Um corpo como campo, em que se assentam alegorias e analogias, assim foi feito com a professora identificada com o cantor.

Prosseguindo nesse trabalho de memória que vai sendo narrada, a professora Lídia relata suas experiências e as dos demais colegas de sala diante de sua antiga professora:

*Mônica era o nome dela. Ela não usava óculos escuros, mas o dia da prova ela usava óculos escuros e pra marcar a gente. A gente quase morria, a gente tremia. E a gente não ia tão bem por culpa dela. O povo sabia as coisas, mas ela fazia tanto terrorismo. Ficava em cima da carteira, sentada com a cabeça durinha e a gente não sabia onde os olhos estavam e a gente amava colar, né? Mesmo sendo boa, a gente gosta de colar. E fazendo terrorismo, fazendo terrorismo. Porque a gente amava colar, trocar de prova. Porque a gente, né, fazia a prova toda certinha, queria conferir com o outro, então. Essa daí não tinha jeito de colar, ué, fazia terrorismo. (Professora Lídia).*

A narrativa completa da professora sobre todos os seus anos estudantis tem uma forte lembrança sobre seus antigos professores e professoras e seus corpos, seus olhos que tudo buscavam ver. O relato de Lídia ilustra uma das principais tarefas da docência em relação aos corpos: ter olhos que enxerguem, vigiem e persigam.

A narrativa nos diz que, por trás dos encontros entre olhos, muitas tramas eram experimentadas, sentidas de todas as formas, porém, da mesma maneira, havia o fugidío, presente diante do vigiar o outro pelos olhos e pelos sentidos e valores que conduziam o olhar.

Os alunos tremiam e “quase morriam”; o grupo de estudantes, mesmo assim, amava colar, trocar de prova e acertar todas as questões. Mas, com a professora considerada terrorista, cada um fazia a sua própria prova. A professora, com seus óculos escuros, impedia, em muitos casos, que a cola acontecesse e, com essa estratégia, vencia as artimanhas do grupo de estudantes. Assim se formou uma lembrança sobre as experiências de estudo da professora entrevistada e do grupo do qual fazia parte, na qual está presente não somente o olhar que vigia, mas a permanente possibilidade de transgressão, como a cola.

Encontramos olhares dos sujeitos professora e estudante que cruzaram os ares da sala de aula, permitindo que a estudante visse e desvelasse que olhares sua professora lançava por detrás das lentes escuras. Ela não via os olhos escondidos, porém, aprendeu como fazer uso deles e a intenção de tudo ver por parte da professora que vigia seus discentes; os olhos “pressentidos” e lembrados constituíram importantes aprendizagens.

O que sentiu a professora que aqui evoca suas lembranças de aluna? Bosi (1994) nos ajuda a ler a pequena narrativa, que traz elementos de uma afetividade e também de desafetos: “Se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo - no caso, até mesmo da sua cidade” (p. 56).

No nosso caso, são experiências de escola, estejam elas localizadas no campo ou na cidade. As lembranças das antigas aulas nos mostram caminhos construídos pelos alunos e alunas para fugir ou escapar ao controle da professora que tinha olhos sob lentes escuras. O artifício usado intentava construir a ideia de tudo poder ver, em todas as direções, e de que nada escaparia. Entretanto, seus alunos e alunas, mesmo sendo dedicados, gostavam de colar nos dias de provas.

A narrativa começa pela lembrança do nome da professora, “M”, que tinha um regime de vigilância e produzia tremores em seus alunos. Fazia terror e causava tremor. Um ritual se construía e se instituía nos dias das provas; a professora é descrita como sujeito que se inseria no grupo de estudantes para aplicação e controle da prova e seus olhos assumiam



um lugar ainda mais vigilante diante do grupo de alunos.

As recordações constituem identidades aos grupos de narradores suas identidades, que, por sua vez, alteram as relações entre docentes e discentes, num movimento, a nosso ver, tenso e tortuoso. Movimento que buscava, já nos tempos pretéritos, um caminho de alteridade para os sujeitos do ato educativo. Assim, entendemos que cada fragmento narrado oferece indícios de experiências escolares, compostas de gestos, sentimentos e valores, que marcaram a memória dos meninos e meninas estudantes e que perduram atualmente na atividade da docência.

### **3 À guisa da conclusão**

Esta pesquisa analisa as lembranças de quinze professores(as), sujeitos socioculturais pertencentes, conforme divisão arbitrada, a quatro diferentes gerações. Cada um(a), desde criança, relacionou-se com antigos professores(as) e colegas de sala de aula dentro de escolas diferentes, sendo regulados(as) pelas mais diversas normas institucionais. O tempo narrado abrange 50 anos, o que nos permite considerá-lo ilustrativo de um quadro coletivo e social da memória docente.

As narrativas enredaram-se e desenredaram-se com passados e presentes das salas de aulas, por não menos que dez anos da vida escolar diária de cada entrevistado. Arroyo (2000) nos acompanha na mirada desta pesquisa quando nos diz que “estamos atrás de nossa identidade de mestres. O que não mudou, talvez, possa ser um caminho tão fecundo para entender-nos [...] todos os mestres repetem hábitos e traços, saberes e fazeres. Nosso ofício carrega uma longa memória” (p. 17). São os elementos que escrevem nas memórias dos narradores suas histórias e a de seus contemporâneos de sala de aula, bem como dialogam com o trabalho real de professores.

No nosso entendimento, as narrativas permitem a construção de um quadro social da memória docente, composto, sobretudo, pelas relações muito específicas que se estabelecem na instituição escola. Um quadro social, como nos diz Halbwachs (2004), é instituído pelas relações entre os homens, produzindo códigos específicos, oriundos de suas experiências compartilhadas, significadas socialmente, sustentado pelas raízes que

crecem e aprofundam pelas vielas ou entranhas dos homens. Esse autor corrobora com a nossa pretensão em afirmar a existência de um quadro social da docência, ao afirmar que “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, eles representam correntes de pensamentos e de experiências onde reencontramos nosso passado” (HALBWACHS, 2004, p. 71).

São lembranças ditas e dirigidas, sobretudo, ao presente, pois o passado é trazido ao aqui e agora não apenas para dizer-nos: “era assim”; “a organização das lembranças se articula igualmente com a vontade de denunciar aqueles aos quais se atribui maior responsabilidade pelas afrontas sofridas” (POLLAK, 1989, p. 22). Denuncia-se no presente não para julgamentos sepultados, mas vivos.

As narrativas revelam, cada uma, cartografias afetivas (BOSI, 2003), ainda visíveis e audíveis ao simples tato e aproximação. São como ruas sem nomes, travessias, passagens e fronteiras, todas sem traçados reconhecidos por muitos órgãos educacionais. Seus sujeitos são meninos, meninas, jovens estudantes e também docentes caminhantes, grafados por experiências de tempos passados e presentes, repletas de afetividades constantemente expressas.

Mas certos cuidados são sugeridos pela autora na análise das narrativas: as defasagens entre a ordenação interna do relato e a sequência de acontecimentos e, ainda, as passagens borradas de difícil restauração, mas não menos críveis que documentos convencionais.

Os afetos trazem as lembranças das relações permeadas pelas palavras e atos amorosos ou duros, apreços e preconceitos, afetos e solidariedades, ciosamente apresentados. A fonte oral, como preconiza Bosi (2003) em *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, sugere mais que afirma; caminha em curvas e desvios, obrigando-nos a uma interpretação sutil e rigorosa.

Este trabalho buscou contribuir com os estudos que são sensíveis às histórias dos homens, neste caso, pesquisando “o como” e “o quê” se lembram professores e professoras de suas trajetórias sociais dentro de suas escolas quando eram alunos(as). São lembranças que possibilitam aproximações e leituras do complexo presente da atividade da docência.

## Referências

ARAÚJO, M. de. *Faces do corpo na condição docente: um estudo exploratório*. 2004. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 1).

BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras escolhidas, 2)

BOURDIEU, P.; PASSERON, C. *Os herdeiros: os estudantes e a cultura*. Trad. Ione Ribeiro Valle. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Seção 1.

BRANDÃO, C. R. *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Editorial

Cone Sul: Editora UNIUBE, 1998.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALBWACHS, M. *Les Cadres Sociaux de la Memoire*. Paris: Éditions Albin Michel, 1994.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras 1998.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. Trad. Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

ROUCHOU, J. Memória do olfato: o cheiro de Jasmim. In: VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J.; OLIVEIRA, C. de. (org.). *Corpo: identidades, memórias e subjetividades*. Rio de Janeiro : Mauad X/FAPERJ, 2009. p.2659-2661.

SANTOS, M. S. dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2003.

Recebido em 08/06/2015  
Aprovado em 10/11/2015